

O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu

The Role of Symbolic Violence in Society by Pierre Bourdieu

Lara Ferreira da Silva

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí

E-mail: lara.fersi01@gmail.com

Luizir de Oliveira

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo

Professor da Universidade Federal do Piauí

E-mail: luiziroliveira@gmail.com

Endereço: Lara Ferreira da Silva

Universidade Federal do Piauí - Campus Universitário
Ministro Petrônio Portella, s/n - Ininga, Teresina - PI,
64049-550.

Endereço: Luizir de Oliveira

Universidade Federal do Piauí - Campus Universitário
Ministro Petrônio Portella, s/n - Ininga, Teresina - PI,
64049-550.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

**Artigo recebido em 12/03/2017. Última versão
recebida em 02/04/2017. Aprovado em 03/04/2017.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

O propósito do presente artigo tem como foco abrir uma discussão sobre o conceito de violência simbólica, trazido por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo francês, violência simbólica é uma violência “invisível”, adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui em um vínculo de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a realidade se apresenta. Intenciona-se, similarmente, oferecer um panorama de seu trabalho recorrendo às suas publicações, com o intuito de absorver com grande valia suas ideias e os debates que essas oferecem. Sugerindo uma nova leitura dos convívios sociais, Bourdieu implementou uma conduta de avaliação que desencadeou diversos pontos de vista, acarretando também uma obra propícia, sendo significativamente empregada nos mais variados setores sociais.

Palavras-Chave: Violência Simbólica. Bourdieu. Dominação.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the concept of symbolic violence proposed by Pierre Bourdieu. For the sociologist, symbolic violence is an "invisible" violence exercised by genuinely symbolic means of communication and knowledge, which is established in a subjugation-submission relationship and resulting from a domination, which the dominated is an accomplice, given the natural state in which reality presents itself. He similarly intends to offer a panorama of his work by resorting to his publications, in order to absorb with great advantage his ideas and the debates they offer. Suggesting a new reading of the social meetings, Bourdieu implemented an evaluation behavior that triggered several points of view, also leading to a propitious work, being significantly used in the most varied social sectors.

Key words: Symbolic Violence. Bourdieu. Domination.

1 INTRODUÇÃO

“Se o princípio acadêmico de sua “vocação” literária, das suas “escolhas” emocionais, e mesmo da relação delas com sua própria condição feminina, tais como apresentadas a nós por Toril Moi, teve poucas chances de aparecer em Simone Beauvoir, é porque ela foi privada disso tudo pela filosofia de Jean-Paul Sartre, para quem ela delegou, por assim dizer, sua capacidade de produzir filosofia própria. [...]. Eis que não há melhor exemplo de violência simbólica constitutiva do relacionamento tradicional (patriarcal) entre os sexos que o fato dela ter fracassado em aplicar sua análise das relações entre homem e mulher a seu próprio relacionamento com Jean-Paul Sartre (BOURDIEU, 1995).

Conceituado como um dos maiores sociólogos de língua francesa das últimas décadas, Pierre Bourdieu é um dos mais importantes pensadores do século 20. Sua produção intelectual, desde a década de 1960, contribuiu de forma bastante significativa na Europa, especificamente na França. Embora contemporâneo, é tão apreciado quanto um clássico. Crítico feroz das práticas de reprodução das desigualdades sociais, Bourdieu concebeu um respeitável referencial no campo das ciências humanas.

Na obra de Pierre Bourdieu, a violência simbólica denota mais do que uma forma de violência que opera simbolicamente. É "a violência exercida sobre um agente social com a sua cumplicidade" (BOURDIEU; WACQUANT, 2002, 167). Exemplos do exercício da violência simbólica incluem relações de gênero nas quais homens e mulheres concordam que as mulheres são mais fracas, menos inteligentes, menos confiáveis, e assim por diante (e para Bourdieu as relações de gênero são o caso paradigmático da operação da violência simbólica), ou relações de classe em que tanto a classe operária quanto a classe média concordam que as classes médias são mais inteligentes, mais capazes de administrar o país, mais merecedoras de salários mais altos.

O significado e a definição do termo violência simbólica é altamente discutível nas ciências sociais. Um ponto de vista sobre o termo vem do trabalho de Randall Collins, que argumenta que "a violência simbólica é um mero jogo de palavras teóricas e levá-lo literalmente mal interpreta a natureza da violência real". Para Collins (2008), a violência simbólica é uma "queixa retórica" e não tem nenhum valor real em explicar o que realmente acontece na vida. Collins adota uma perspectiva sobre a violência quando argumenta que as pessoas não são inerentemente violentas, em vez disso, as situações produzem momentos de violência.

A psicanalista Denise Maria de Oliveira Lima (2010) nos conduz a pensar o modo de como Bourdieu inicia sua pesquisa. O sociólogo francês, em seu livro intitulado *Campo de poder, campo intelectual*, expõe uma epígrafe em que se remete a Proust (*Sodoma e*

Gomorra): “As teorias e as escolas, como os micróbios e os glóbulos, se devoram entre si e com sua luta asseguram a continuidade da vida” (BOURDIEU, 1983, p. 8). Desta forma, visualiza-se que Bourdieu considera o poder simbólico da linguagem para construir relações de realidade e de poder. O termo "violência simbólica" é definido pelas relações de poder que se formam entre indivíduos (e/ou instituições), que se situam em sistemas/estruturas de poder que se tornam instrumentos para ajudar a assegurar que uma classe domina outra.

O conceito de *campo intelectual* é definido por Pierre Bourdieu (1930–2002) através de seus estudos sobre o sistema escolar francês, a formação das elites intelectuais, a receptividade artística, as condições de consumo estético e, principalmente, sobre a técnica de autonomização do campo literário. Em primeiro lugar, Bourdieu identifica o campo intelectual dentro do qual a criação ocorre. Trata-se de um sistema de agentes ou "sistemas de agentes", isto é, instituições que em suas relações entre si podem ser conceituados como forçadores de forças diferentes que, em oposição ou combinação, estruturam o campo em qualquer momento específico. Um aspecto-chave da concepção de Bourdieu de um campo de produção cultural são os fatos materiais de poder e capital. O capital aqui se refere à variedade de recursos, tangíveis e intangíveis, através dos quais um escritor ou artista pode aprofundar suas aspirações artísticas e alcançar "sucesso" no campo (vendas de livros, número de apresentações teatrais, etc. E o poder no campo cultural é "heterônomo" - é tanto interno às instituições do campo cultural quanto externo, através da influência do campo circundante de poder dentro do qual o campo cultural está localizado.

A desigual distribuição de recursos e poderes é o que gera a diferença entre os grupos sociais, pelo qual podemos dividir em: *capital econômico* (renda, salários, imóveis), o *capital cultural* (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), o *capital social* (relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas) e o *capital simbólico* (o que comumente chamamos prestígio e/ou honra).

É possível afirmar que Bourdieu defende a ideia de que o autor e sua obra são determinados pela concepção sistêmica do social. Ou seja, a estrutura social é tida como um sistema categorizado, hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais e/ou econômicas (salário, renda) como pelas relações simbólicas (*status*) e/ou culturais (escolarização) entre os indivíduos. De forma geral, Bourdieu detém uma proposta que pode ser descrita como uma tentativa permanente de superar, no plano teórico e prático, as oposições que têm caracterizado a teoria sociológica ao longo do tempo para, a partir deste esforço, formular uma abordagem reflexiva sobre vida social.

Este artigo não pretende realizar uma investigação do complexo arsenal teórico da sociologia de Bourdieu. O objetivo, mais modesto, é investigar a noção de violência simbólica retratada por Bourdieu e identificar possibilidades para pesquisas futuras que possam responder ou superar as críticas quanto ao excessivo determinismo do projeto bourdieusiano em geral.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Violência simbólica e o campo de lutas

Segundo a professora Cecília Sardenberg, membro do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA, “o mundo simbólico aparece como um grande quebra-cabeça a ser decifrado” (SARDENBERG, 2011, p. 2) e é nesse mundo simbólico que a violência simbólica se localiza e se manifesta, através de toda uma produção simbólica, via linguagem, arte, religião e outros sistemas simbólicos, que reforçam relações assimétricas e hegemônicas, desqualificações, preconceitos e violências de todo tipo. De acordo com Sardenberg, a violência simbólica se “infiltra por toda a nossa cultura, legitimando os outros tipos de violência” (SARDENBERG, 2011, p. 1).

Ao iniciar a abordagem, Bourdieu explica que os sistemas simbólicos são responsáveis por produções simbólicas, que funcionam como instrumentos de dominação. Com base em Marx, Bourdieu elucida que tais produções se relacionam com os interesses da classe dominante e privilegiada: Construindo e legitimando esta leitura distorcida e conivente com o instituído, encontramos o exercício do poder simbólico. Este é descrito sinteticamente da seguinte forma:

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos «sistemas simbólicos» em forma de uma «illocutionary force», mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 2007b, p. 14-15)

O sociólogo francês destaca que com homem e mulher não é diferente. Essa oposição entre dois sexos só pode ser entendida no contexto de todas as oposições do pensamento ocidental. Ao se associar o feminino com a sensibilidade, a fraqueza ou a emotividade (em contraposição à racionalidade e à força), estamos operando uma dimensão de poder que, na prática, leva à redução das possibilidades de ação, protagonismo e autonomia das mulheres.

Como decorrência desse exercício do poder simbólico, temos a violência simbólica, a qual se estabelece “[...] por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além – ou aquém – do controle da consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de *habitus* que são ao mesmo tempo gerados e generantes” (BOURDIEU, 1998, p. 22-23). A violência simbólica representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado voltado para um conjunto de ideias e juízos tidos como naturais. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição a si mesmo. Quando reconhecido, estamos diante deste poder simbólico, denomina Bourdieu (BOURDIEU, 1989, p.7). “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Ele delinea a violência simbólica como uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8). Para Bourdieu, “[...] em termos de dominação simbólica, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela” (BOURDIEU; EAGLETON, 2007, p. 270).

Ao abordar a violência simbólica, o pensador francês a denomina como forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Devido a esse conhecimento do discurso dominante, a violência simbólica é manifestação desse conhecimento através do reconhecimento da legitimidade desse discurso dominante. Para Bourdieu, esta opressão específica é o meio de exercício do poder simbólico. O dominado não se opõe ao seu

opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

A violência simbólica pode ser tomada por diferentes instituições da sociedade: o Estado, a mídia, a escola, etc. O Estado mostra este tipo de opressão de forma bastante abrangente ao propor leis que naturalizam a disparidade educacional entre brancos e negros, como a Lei de Cotas para Negros nas Universidades Públicas. Um outro exemplo a ser citado é a mídia, ao impor a indústria cultural como cultura, uniformizando a cultura popular por um lado e delimitando cada vez mais o acesso a uma cultura, por assim dizer, "elitizada". Bourdieu ainda afirma que elas seguem "Fazendo hierarquias sociais parecerem estar baseadas em hierarquia de "dons", mérito ou habilidade, o sistema educacional preenche a função de legitimação da ordem social." (BOURDIEU, 2007a. p.96)

Tanto as manifestações espontâneas do capital cultural quanto as contribuições específicas da escola tenderiam a se tornar cada vez mais atuantes à medida que o aluno avança nas séries. Especialmente em relação à cultura erudita não transmitida pela escola, Bourdieu afirma que a "a instituição escolar dá um valor cada vez mais elevado à cultura livre à medida que os níveis mais altos de escolaridade são atingidos." (BOURDIEU, 2007a. p.22).

Neste universo social tão ligado à hierarquia de valores, o sociólogo francês reporta que "o mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como ases num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos, nesse contexto os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico, que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos." (BOURDIEU, P. 1983. p.4).

Ao considerar a educação como um setor de alta relevância, podemos destacar a violência simbólica de forma bem determinada ali presente. Sabe-se que através do ensino o indivíduo é capaz de discernir quando está sendo vítima disto e tornar-se um ator social que vá contra a sua legitimação. Se acompanharmos a realidade nos últimos anos, é perceptível que as figuras materna e paterna vêm se distanciando cada vez mais de sua função de educar seus filhos, de modo a reduzir significativamente a idade que partem para o ensino escolar. A

escola configura-se como o principal agente educacional da sociedade pós-moderna. Sendo assim, as bases sobre as quais a violência simbólica se manifesta são a impossibilidade de o sujeito distinguir entre aquilo que lhe é próprio e o que é alheio (falsa projeção), a sua identificação direta com o todo social tal como é, de maneira acrítica (falsa identificação), e a sua condição de simples padrão das tendências do universal (pseudo-individualidade).

Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma “intenção objetiva”, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes. (BOURDIEU, 1983, p. 15).

Em síntese, para Bourdieu o sistema escolar, em vez de oferecer acesso democrático de uma competência cultural específica para todos, tende a reforçar as distinções de capital cultural de seu público. Agindo dessa forma, o sistema escolar limitaria o acesso e o pleno aproveitamento dos indivíduos pertencentes às famílias menos escolarizadas, pois cobraria deles o que eles não têm, ou seja, um conhecimento cultural anterior, aquele necessário para se realizar a contento o processo de transmissão de uma cultura culta.

Bourdieu afirma que o campo, por sua vez, distingue-se como um “locus” social de lutas, disputas e concorrência entre os dominantes - detentores de poder de determinado campo - frente aos dominados, que tentam se estabelecer nessa estrutura a partir da utilização de estratégias que lhes permitam ter acesso aos objetos de interesse e às posições distintas e legítimas do campo em questão. Vejamos nas palavras do próprio autor:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p.57).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A dominação simbólica e o habitus

Bourdieu, em *A Dominação Masculina*, cita também como uma das principais estratégias da violência simbólica o calar das mulheres. Na seção intitulada “A masculinidade como nobreza”, ele falava da virtual negação da existência feminina pela qual “o mais bem-

intencionado dos homens (tendo em vista que a violência simbólica nunca opera no nível das intenções conscientes) pratica atos discriminatórios que certamente levam as mulheres à exclusão, sem nem se colocar o problema de posições de autoridade ou hierarquização, ou seja, em sua obra, ele faz uma denúncia no que diz respeito a este silenciamento por parte das mulheres. Ele faz uma conexão a tal atitude das mulheres para a dominação masculina, “forma particular e particularmente acabada da violência simbólica”, acentuando que outros exemplos podem ser encontrados na dominação de uma etnia sobre outra ou das classes dominantes sobre as classes dominadas através da cultura.

Além disso, a herança de sociedades menos diferenciadas, nas quais as mulheres eram tratadas como meios de troca, permitindo aos homens acumular capital social e simbólico e, nos dias atuais, a reprodução do capital simbólico do grupo doméstico expressa por sua aparência - maquiagens, trajes, porte - se constitui, sem dúvida, como bons indicadores das leis de reprodução das relações tradicionais entre os sexos nas sociedades em que vivemos (BOURDIEU, 2007a).

Para Bourdieu, a dominação masculina não necessita de justificação, estando a visão dominante expressa de forma bastante concisa em discursos, poemas, etc. É através dos corpos socializados e das práticas rituais que o passado se perpetua no longo tempo. Para este autor, a dominação masculina comporta uma dimensão simbólica, pois o dominador (o homem) consegue obter do dominado (a mulher) uma forma de adesão que não se baseia numa decisão consciente, mas sim numa subordinação imediata e pré-reflexiva dos corpos socializados (a negação consciente da subordinação implicava a recusa da posição do dominado e logo, a revolta); em outras palavras, a dominação simbólica não é questão de combinar violência e consentimento. Ela opera em uma instância mais profunda por meio da sintonia da estrutura social seguindo um esquema de percepção e apreciação (*habitus*). Bourdieu aplica o conceito de *habitus* no processo de subordinação do gênero feminino. Trata-se de uma interação dialética entre os grupos socioculturais dominantes que é mantida e revista a partir de negociações e aceitação dos grupos subalternos. Ele afirma que “ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais (BOURDIEU, 2003, p. 46)”. Ainda de acordo com o autor:

O *habitus*, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como através das experiências formadoras da primeira infância, de toda história coletiva da família e da classe; em particular, das experiências em que se exprime o declínio da trajetória de toda uma linhagem e que podem tomar a forma visível e brutal de uma falência ou, ao contrário, manifestar-se apenas como regressões insensíveis (BOURDIEU, 2004, p.131)

Para o sociólogo brasileiro Sergio Miceli (2007), o “habitus” completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas. O “habitus” é assim “[...] um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou às estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo” (BOURDIEU, 1996, p.144). Dito em outros termos, a constituição de campos relativamente autônomos se dá pela incidência dos “habitus” nesses espaços, já que como nos ensina Bourdieu (2007b, p.102-3), o campo estrutura o “habitus” em tão presente medida que o “habitus” constitui o campo.

3.2 Estudo do gosto

Nas décadas de 60 e 70, do século passado, Bourdieu abraça uma sucessão de pesquisas de caráter qualitativo e quantitativo sobre a vida cultural, ou seja, uma série de pesquisas sobre o consumo de cultura entre os europeus e, sobretudo, entre os franceses. Destas experiências de investigação, Bourdieu publica, em 1976, uma grande pesquisa intitulada *Anatomia do Gosto*. Mais tarde, esta mesma pesquisa passa a ser objeto de publicação de sua obra prima, publicada em 1979, o livro intitulado, *La distinction – critique sociale du jugement. A distinção – crítica social do julgamento* - estruturada em três partes, além de introdução, conclusão e post-scriptum, publicada originalmente em 1979 pela editora Minit, e só em 2007 traduzida para o português, atende às expectativas dos leitores brasileiros não familiarizados com o idioma original, apresentando ricas contribuições aos mais variados campos das ciências humanas. Nestas duas obras, Bourdieu e sua equipe de pesquisadores tentam explicar e discutir a variação do gosto entre os segmentos sociais.

Bourdieu constrói seu argumento através de um estilo literário refinado e prolixo, com forte tendência ao elitismo, mas justificável pelas pretensões teóricas e práticas alicerçadas no "ideal" que poderia ser encontrado em *Questões de Sociologia*: "Romper com os automatismos verbais (...) é romper com a filosofia social inscrita no discurso espontâneo"

(1983, p. 30). A *distinção* põe em evidência que a lógica intrínseca aos gostos e preferências culturais é aquela submetida à lógica interna de cada campo tomado numa relação simbólica.

3.3 O aporte de bourdieu para os estudos literários

É eminente a enorme contribuição que o sociólogo proporcionou ao campo dos estudos literários, tendo em vista que a literatura ocupou um espaço bastante significativo no desenvolvimento de sua teoria social. O estudo de John R. W. Speller, autor de *Bourdieu and Literature*, oferece uma excelente ferramenta para o estudo do pensamento de Pierre Bourdieu e sua relevância para o nosso contexto cultural atual. Speller começa por reconhecer que os campos literários e culturais entraram agora numa fase de "involução" em face de pressões comerciais e políticas, trazendo consigo novas formas de censura e clientelismo. Se esse tipo de liberalismo radical invade a sociedade, bem como a cultura e a literatura todos os dias, a análise por Bourdieu, de acordo com Speller, ainda pode ser relevante para a compreensão de como o mercado global unifica produções culturais transnacionais.

Com efeito, Bourdieu pode oferecer a possibilidade de estudar estas produções apesar da sua heterogeneidade, de acordo com Speller. Enquanto tema de suas reflexões, a literatura já está presente nos trabalhos do sociólogo a partir de meados da década de 60, permeando muitos de seus trabalhos ao longo dos anos, como confirma John W. R. Speller. Ele fornece uma visão abrangente e avaliação crítica das suas contribuições à teoria literária e seu pensamento sobre autores e obras literárias. De acordo com o autor britânico, Bourdieu se propôs a colocar as ciências humanas no mesmo plano epistemológico das ciências naturais, o que certamente causou um imenso desconforto no que diz respeito à ligação com o estudo da sociedade. O próprio conceito-chave de 'campo' foi desenvolvido por Bourdieu através de seus estudos literários, e, conforme Speller, foi por eles determinado em suas propriedades iniciais e orientado a suas aplicações futuras. Desta forma, Speller comenta que "longe de ser um "ataque" à cultura literária, o trabalho teórico de Bourdieu sobre a literatura era a base de sua defesa, aparentemente incongruente, de a literatura ser uma espécie cultural "universal" (SPELLER, 2015, p.105).

Em outras palavras, o autor britânico consegue defender Bourdieu contra a acusação de provincianismo, uma acusação feita por aqueles que o consideravam um intelectual muito envolvido no caminho francês de pensar a aspirar a uma generalização de suas teorias e incapaz de ultrapassar os limites do país em que a sua análise foi aplicada e processada. Ao reconstruir Bourdieu como um pensador global, apesar de seus diversos períodos e nuances

do pensamento, Speller demonstra que os conceitos fundamentais da sociologia de Bourdieu podem ser aplicados a nível global ou mesmo transnacional, especificamente revelando que esses conceitos afetam a circulação das relações precisas de dominação e subordinação entre as diferentes tradições literárias. James F. English, professor de estudos literários da Universidade da Pensilvânia e editor do *New Literary History*, nos lembra que há tempos a sociologia da literatura não goza de prestígio entre os pesquisadores e teóricos dos estudos literários. Para ele,

A sociologia da literatura sempre denominou um conjunto poliglota e bastante incoerente de empreendimentos. Está espalhada por tantos domínios e subdomínios separados da pesquisa acadêmica, cada um com suas agendas próprias e distintas de teorias e metodologias, que raramente recebe a designação de 'campo' (ENGLISH, 2010, p. v).

Speller ainda argumenta que o método de Bourdieu fora, em parte, uma resposta aos críticos, que diziam que o objetivo de um verdadeiro crítico deveria ser descobrir qual problema o autor da obra se colocara, consciente ou inconscientemente, e avaliar se ele o resolvera ou não (SPELLER, 2011, p.45). De acordo com Bourdieu, para que possamos proceder a uma leitura sem preconceções a respeito da obra, é preciso entender a própria percepção do autor de seu projeto literário. Isso ocorrerá, segundo o sociólogo, somente se formos capazes de construir uma “dupla historicização, tanto da tradição como da ‘aplicação’ da tradição” (BOURDIEU, 1996a, p. 344-345). Bourdieu assegura-nos que “Apenas a análise dos esquemas de pensamento herdados e das evidências ilusórias que produzem pode assegurar o domínio teórico (ele próprio condição de um verdadeiro domínio prático) do processo de comunicação. (BOURDIEU, 1996, p.345). Fora também em resposta a Gustave Flaubert, que questionava a falta da existência de uma crítica que se inquietasse “com a obra em si, de maneira intensa” e procurasse saber não “o meio em que ela se produziu” ou “as causas que a acarretaram”, mas sobre de onde resultaria sua “poética insciente”, “sua composição, seu estilo”, “o ponto de vista do autor”. (FLAUBERT, *apud* BOURDIEU, 1996, p.107).

A maior ambição de Bourdieu é, explica Speller (2015), poder compreender a lógica não somente das tomadas de posição social dos escritores (entre editores, grupos, gêneros, etc.), mas também aquela inerente à construção das próprias obras literárias. Em outras palavras, Bourdieu vê uma 'homologia' entre 'o espaço de posições' no campo e o sistema das diferenças no 'espaço das obras' como caminho para superar a oposição problemática entre os níveis 'interno' e 'externo' de análise (SPELLER, 2015). Mas, Bourdieu ressalta que não há

uma relação de determinação mecânica e direta entre as posições e as tomadas de posição, mas que “entre umas e outras se interpõe, de alguma maneira, o espaço dos possíveis, ou seja, o espaço das tomadas de posição realmente efetuadas tal como ele aparece quando é percebido através de categorias de percepção constitutivas de um certo habitus” (BOURDIEU, 1996, p.265).

Além disso, Speller convincentemente demonstra como Bourdieu relaciona obras literárias às condições sociais por vez utilizando o conceito de campo literário. Este conceito de Literatura preserva uma posição realista dentro de um contexto histórico em vez de apresentar uma posição autonomista na ordem da “Arte pela Arte”: as obras podem, então, ser entendidas como a expressão, traduzida ou 'mediada' em uma forma literária, da posição e da história social do autor e, por implicação, como uma objetivação da estrutura social. Speller destaca a base da "autonomia" concebida por Bourdieu dentro do campo literário, em outras palavras, a capacidade do escritor de resistir ou ignorar o exterior (especialmente religioso, político e comercial); Speller nos lembra também que a falta de capital econômico dos artistas é compensada por ganhar outro capital, o cultural.

Em suma, de acordo com autor britânico (2015), a Literatura torna-se um prisma que ilumina vários aspectos da visão de Bourdieu. Os estudos de Speller demonstram que a literatura não é apenas um campo para se testar uma metodologia sociológica, mas também um jogador social real, um participante ativo na interpretação geral das comunidades humanas tanto quanto um reflexo das transformações sociais, bem como um veículo cultural de tais modificações de Bourdieu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas questões não puderam ser alcançadas neste trabalho, ficando como sugestões para pesquisas vindouras, pois este foi um trabalho introdutório, que lhe competiu demarcar as bases para trabalhos posteriores que poderão complementá-lo. Ao relatar sobre a violência simbólica, Bourdieu incita as classes dominadas, especialmente as mulheres, a uma luta aberta contra o estado, a escola e os meios de comunicação social, para que possam finalmente assumir um papel original e bem definido contra todas as formas de dominação e principalmente esta, “violência simbólica da dominação masculina”. Porém, ao debatermos sobre a violência simbólica e suas implicações também na educação, temos a sensação de que é um processo irreversível e de que nada podemos fazer em relação a isto. Todavia, o fato de

saber que somos, ao mesmo tempo, agentes e vítimas deste tipo de violência é o primeiro passo para começarmos a combatê-la.

A violência simbólica é, contudo, a grande líder de todos os outros tipos de violência. É esta violência invisível, tênue e ainda mais audaciosa, propagada todos os dias na mídia, propagandas, bem como em produções artísticas e culturais que nos atacam, nos atacam por todos os lados, sem que tenhamos plena consciência disso.

A análise proposta por Bourdieu com relação às classes dominantes tem um papel decisivo na perpetuação das condições de classe na sociedade, pois pode acabar-se por assim gerar vários efeitos sociais, no qual têm-se os “dois lados da moeda”: Ela pode reforçar ainda mais este tipo de comportamento imposto pelo dominante social ou pode contribuir para neutralizá-la, favorecendo a mobilização das vítimas inclusas neste contexto social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU. O campo econômico. Política e sociedade: **Revista de sociologia política, Florianópolis**, v. 4, n. 6, p.15-57, abr. 2005. Disponível em: Acesso em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>> 09 jan. 2016.

(BOURDIEU, P. (1930□2002). **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.)

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rios de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P. **Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada**. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998, pp. 11-27.

BOURDIEU. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, P. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. **A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista**. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, pp. 265-278.

BOURDIEU. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino, Lisboa, 1970.

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. **A doxa e a vida cotidiana**: uma entrevista. In: ŽIŽEK, S. (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, pp. 265-278.

ENGLISH, J. F. **Everywhere and Nowhere**: The Sociology of Literature After the Sociology of Literature. *New Literary History*, Vol. 41, Number 2, Spring 2012, pp. v-xxiii, The Johns Hopkins University Press.

LIMA, D. M. O. **Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu**. *Cogito* [online]. 2010, vol.11, pp. 14-19. ISSN 1519-9479.

MICELI, S. **Introdução: a força do sentido**. In: BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.VII-LXI.

RANDALL COLLINS. **Violence**: A Micro-sociological Theory (Princeton: Princeton University Press, 2008).

SARDENBERG, C. M. B. **A violência simbólica de gênero e a lei “antibaixaria” na Bahia**. OBSERVE: NEIM/UFBA, 2011.

SARDENBERG, C. M. B.; MACEDO M. S. **Relações de gênero**: uma breve introdução ao tema. In: Costa, A. A. A.; Rodrigues, A. T.; Vanin, I. M (orgs.). Ensino e gênero: perspectivas transversais. Salvador: NEIM/UFBA, 2011. p.33-48.

SOIHET, R. **Mulheres investindo contra o feminismo**: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? In: Estudos de Sociologia, Araraquara, v.13, n.24, p.191-207, 2008.

SPELLER, J. R. W. **Bourdieu e a Literatura**. Tradução de Wander Nunes Frota, 2015. No prelo.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, L. F; OLIVEIRA, L. O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu. **Rev. FSA**, Teresina, v.14, n.3, art. 9, p. 160-174, mai./jun. 2017.

Contribuição dos Autores	L. F. Silva	L. Oliveira
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X